

Dr. Jaime Milheiro que teve como comentador e introdutor do debate o Dr. Eurico de Figueiredo.

— «Do primeiro organizador do psiquismo à construção da Identidade», pelo Dr. C. Amaral Dias que teve como comentador e introdutor do debate o Dr. José Carlos Dias Cordeiro.

— «Valor das latências na Identidade», pela Dr.<sup>a</sup> Celeste Malpique, que teve como comentadora e introdutora do debate a Dr.<sup>a</sup> Maria José Gonçalves.

— «Identidade e Ideologia» pelo Dr. A. Coimbra de Matos, que teve como comentador e introdutor do debate o Dr. Nuno Afonso Ribeiro. O título das comunicações, só por si, indica a multiplicidade dos problemas discutidos. Irão ser publicadas em livro, em futuro próximo. Pretende-se que o Encontro se repita todos os anos, ou de dois em dois anos

*Jaime Milheiro*

#### SIMPÓSIO SOBRE TEORIA LITERÁRIA E O ESTUDO DA LITERATURA NOS ESTADOS UNIDOS

Organizado pela Universidade de Marquette em Milwaukee (E. U. A.), realizou-se em Outubro do ano passado um simpósio sobre o estudo da literatura hoje. Vale a pena começar por me deter um pouco sobre a designação geral adoptada para o simpósio pelos respectivos organizadores, todos eles membros do Departamento de Inglês da referida universidade — uma instituição propriedade da Companhia de Jesus e uma das escolas particulares mais conceituadas do *Midwest* americano. *Agenda of Literary Studies: Methods, Goals, Values* — eis como o simpósio foi anunciado. No momento em que a recessão no mundo ocidental impõe severos cortes orçamentais no sector educativo — sobretudo em áreas (como a das «Humanidades») consideradas de investimento precário ou nulo no contexto dos interesses prioritários do grande capital — é interessante observar como os responsáveis por tais áreas sentem necessidade de justificar os núcleos mais ameaçados das suas instituições, mediante propostas de discussão em larga escala, e com o aval de especialistas de inquestionada reputação nacional e internacional, daquilo que se impõe fazer (*agenda*), como se deverá fazer (*methods*), para quê (*goals*) e porquê (*values*), no âmbito dessa matéria tão próxima da pura 'inutilidade' num curri-

culum académico hoje como é o estudo da literatura e, sobretudo, da teoria literária.

O simpósio contou com a participação de um grupo notável de filósofos, críticos e teóricos da literatura americanos (de que a seguir destacarei alguns nomes e tendências mais importantes no actual panorama literário dos Estados Unidos), e ainda com a presença do filósofo alemão Hans Georg Gadamer (este ano lectivo de visita à Universidade de Boston), como o interlocutor privilegiado de todos os intervenientes no fecho dos trabalhos. A abrir, Edward D. Simmons, vice-reitor da Universidade de Marquette, traçou os princípios e objectivos que tinham presidido à organização do simpósio: a valorização das manifestações espirituais do homem num mundo cada vez mais ameaçado pela pressão de interesses materialistas; a preservação e divulgação da cultura ocidental na defesa e proclamação dos valores humanísticos e universais que a fundamentam; o estudo e celebração das grandes obras dessa cultura como realizações privilegiadas do espírito humano; a defesa, em suma, da civilização ocidental como repositária dos valores absolutos e perenes da humanidade. Este discurso introdutório situou-se, como aqui transparece, na perspectiva, essencialmente masculina, da tradição etnocêntrica-ocidental, que tão contestada tem sido nos últimos anos e que viria a ser posta em causa várias vezes no decorrer do simpósio, nomeadamente logo na primeira comunicação, da responsabilidade de Edward Said.

O contraste flagrante entre os pressupostos teóricos e ideológicos destas duas primeiras intervenções poderá servir-nos de modelo para a descrição do simpósio na sua totalidade: por um lado, a reflexão filosófica ou estética sobre objectos-valores inquestionados da «nossa» cultura, como o Humanismo, o Neo-humanismo, o Cânon Literário, a Essência da Literatura, a Consciência e o Texto Literários, a própria Literariedade; por outro lado, a questionação profunda dessas categorias na pergunta radical pela noção de valor absoluto, de cultura homogénea ou de pontos de vista privilegiados. Edward Said esquematiza estas duas atitudes ao propor na sua palestra, na sequência de ideias defendidas em escritos anteriores, uma crítica *secular*, isto é, uma crítica interrogadora e interventiva, uma crítica *mundana* (para utilizar uma expressão de Said noutra lugar), atenta à diversidade e à contraditória complexidade da experiência humana no mundo, uma crítica que, ao perguntar pela heterogeneidade de culturas, possa constituir alternativa fecunda à se-

lectividade homogeneizante das convenções da crítica tradicional estabelecida.

Ao longo das cinco intensas sessões de trabalho que ocuparam os participantes do simpósio, a dicotomia que acaba de traçar de forma necessariamente apressada e simplística esteve sempre presente e desempenhou papel importante, não só na imediata contextualização das diferentes comunicações, mas também no estabelecimento de vivo diálogo e acesa discussão no período de perguntas e respostas. Assim, no decurso da primeira sessão, sobre *Humanismo, Pós-humanismo e Estudos Literários*, à comunicação de Said, professor de Literatura Inglesa e Literatura Comparada da Universidade de Columbia e autor de *Beginnings* e *Orientalism*, seguiu-se a de Calvin O. Schrag, discípulo de Gadamer e professor de Filosofia na Universidade de Purdue, e ainda autor de *Experience and Being* e *Radical Reflexion and the Human Sciences*, que se ocupou das consequências para o pensamento moderno da pergunta pela noção de sujeito, ou, para utilizar as suas próprias palavras, da definição (recuperação) de um novo humanismo de sujeito des-centrado. Said diria, por certo, que os pressupostos filosóficos de Schrag, inspirados na filosofia existencial de Heidegger e, sobretudo, nos princípios hermenêuticos de Gadamer, correm o risco de favorecer ainda, na sua postulação de um ponto de vista crítico neutralizado pela distância, uma concepção selectiva e exclusiva (*religiosa*, por oposição a *secular*) da literatura e da cultura.

Esta oposição (que nem Said nem Schrag viram em termos de radical irreconciliação) manifestou-se igualmente, de forma quase simétrica, nas sessões seguintes. Na segunda, subordinada ao tema *A Possibilidade de História Literária*, Fredric Jameson, professor de Literatura Francesa da Universidade de Yale e autor de inúmeras obras sobre literatura e teoria literária, das quais a mais recente é *The Political Unconscious*, serviu-se de um pequeno excerto de *Madame Bovary* para, a partir de uma análise minuciosa do texto, avançar para uma reflexão sobre a literatura como um modo (social/político) de produção de linguagem, em última análise, para uma reflexão sobre o texto literário como materialmente produzido (i. e., como histórico e político) e, simultaneamente, sobre a história como um texto; por outro lado, para Hayden White, professor de História da Consciência na Universidade da Califórnia (Santa Cruz) e autor de *Metahistory* e *Tropics of Discourse*, a interpretação da história-como-um-texto situa-se ainda essencialmente (como o título deste

seu último livro indica) ao nível da retórica tradicional. Retomando a dicotomia proposta por Said, poderíamos dizer que, se Jameson busca, pela dialéctica marxista (de Benjamin, Adorno, Henri Lefèbvre), a secularização da interpretação literária, White não se afasta, nas suas inovadoras revisões do estudo da história nos últimos anos, de uma perspectiva holística (*religiosa*), por isso finalmente ainda selectiva, na interpretação do fenómeno histórico em termos tópicoretóricos.

Na terceira sessão de trabalho, que incidiu sobre *Literariedade e o Cânon da Literatura*, de novo é possível fazer contrastar as posições de Mary Louise Pratt e de Michel Riffaterre. Este último, professor de Literatura Francesa na Universidade de Columbia e autor de *Semiotics of Poetry*, entre muitas outras contribuições para o estudo da literatura e da poesia, propôs uma redefinição das noções de *literariedade* e de *cânon literário* mediante a ideia de intertextualidade: porém, ao estudar um poema de Emily Dickinson exclusivamente na sua relação com outro de Robert Browning, Riffaterre reduziu a sua redefinição a uma re-confirmação intocada do cânon da literatura. Pelo contrário, na comunicação de Mary Louise Pratt, professora de Literatura Espanhola na Universidade de Stanford e autora de *Toward a Speech Act Theory of Literary Discourse*, o cânon foi posto em causa e a noção de literariedade questionada, ambas as noções denunciadas como «construções etnocêntricas e ideológico-sociais», mediante a justaposição e análise de textos canónicos e não canónicos e sua recepção (como *nossos* ou *o mesmo*, ou como *alheios* ou *o diferente*) por textos igualmente canónicos e não canónicos.

A mesma dicotomia se desenrolou na quarta sessão de trabalho, subordinada ao tema *Hermenêutica e Desconstrução*, em que intervieram o filósofo Michael Murry (Vassar College), autor de *Modern Philosophy of History* e *Modern Critical Theory*, e Gayatri Chakravorti Spivak, professora de Literatura Inglesa na Universidade do Texas (Austin), conhecida, para já, sobretudo pela sua tradução (com longa introdução) de *De la grammatologie*, de Derrida. Enquanto Murray se preocupou com uma nova proposta de aplicação à moderna hermenêutica literária da distinção heideggeriana entre *poesia* e *literatura*, terminando com uma bela e persuasiva análise de dois poemas de Wallace Stevens, Spivak, retomando teses que tem vindo a expor em vários importantes artigos publicados em revistas americanas de teoria literária, como *Diacritics* e *Critical Inquiry*, defendeu a desconstrução

derridaiana, corrigida pelos pontos de vista marxista e feminista, como o único método capaz de permitir um estudo adequado do fenómeno literário: a implacável desmontagem dos processos linguístico-ideológicos do texto (incluindo o do próprio crítico) é condição indispensável à vontade de saber da pesquisa literária.

A serena arrogância de pontos de vista e de métodos que se não põem em causa a cada momento tem levado à repressão sistemática do diferente ou dissonante (ou *o outro*) na definição e aplicação de critérios estéticos e literários. No entanto, o modo interrogativo não está isento do risco da entropia. O famoso aforismo blakiano — *A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria* — tem também de ser des-construído: o radicalismo hiper-crítico de Spivak não pode conduzir, por sua vez, à paralisia do absurdismo ou à ironia do silêncio. Wittgenstein disse que se não deve falar do que se não sabe; Giles Deleuze, ao contrário, que só se escreve do que ainda se não sabe: o equilíbrio necessário e suficiente entre estes excessos — e as possibilidades (reconhecidamente limitadas) do estudo da literatura e da teoria literária num mundo cada vez mais longe da pacificação — foi o tema profundo da troca de comentários entre, sobretudo, Gadamer e Jameson na sessão de encerramento do simpósio; ambos sugeriram, de formas diferentes, e à maneira do *Eclesiastes*, que os tempos para perguntar e também para deixar de perguntar se alternam fecundamente na produção de sentido(s) em literatura.

*Maria Irene Ramalho de Sousa Santos*